

O Santa Rosa de Lima Festejará o Jubileu

HA 25 ANOS, em Botafogo, nasceu um colégio que se tornaria em pouco tempo um dos mais importantes do bairro: o Santa Rosa de Lima. Por suas salas de aula já passaram um grande número de meninas e mulheres. Hoje, outras milhares delas já estudam.

Para assinalar o Jubileu do Colégio Santa Rosa de Lima alunos e ex-alunos estão unindo seus esforços e preparando três dias de festas.

Ex-Alunos
Para o dia 28, quando terão início as festividades, os ex-alunos reunirão uma missa toda cantada, que será celebrada às 17 horas. Em seguida haverá um lanche preparado pelas ex-alunas. Depois, uma sessão solene, na qual Nossa Senhora Letícia, a sua superiora do Santa Rosa de Lima, receberá um presente. Sob o ar, Lúcia Araújo, presidente das ex-alunas, disse: — Passamos em crescer ao colégio, na pessoa de Nossa Senhora Letícia, uma estátua de Santa Rosa. Queremos assim, contar com o apoio de todas as ex-alunas. Será uma alegria muito grande para o Santa Rosa de Lima se todos os que ali estudaram comparecerem às solenidades do dia 28.

Dia 29, em homenagem aos benefactores e alunos já falecidos, na Igreja de N. S. do Leme (Rua General Ribeiro Coats, 156) Frei Pedro Sécundi renará, às 10h30m, uma missa.

As alunas, por sua vez, não terão aulas nos dias 28 e 29 e apresentarão, no último dia, suas homenagens ao colégio em que estudam. As 9 horas elas representarão o "Auto do Missal", seguido de missa dialogada. Dom Heide Cansero, Arcebispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, dará a bênção da pedra fundamental da capela às 10 horas. As 12 horas será oferecido um almoço na Associação de Alunos da Associação de Pais de Família, seguindo-se uma demonstração de ginástica rítmica pelas alunas. Com uma homenagem às fundadoras do colégio, números de canto orfeônico e um concerto pela orquestra do mistro Stefanini às 20h30m, serão encerradas as festividades.



Valdire Neta, Maria Cláudia Gonçalves Pena, Maria do Carmo Siqueira e Lúcia Araújo, ex-alunas do Santa Rosa de Lima, quando já estavam sob o 25º aniversário daquele educandário.

O GLOBO Feminino

Em Cadernos Encontrados no Lixo Carolina Conta Histórias da Favela

CAROLINA Maria de Jesus mora em São Paulo, na favela do Canindé, barraco 9 da Rua A. Há 46 anos ela nasceu em Minas, na cidade de Sacramento. Ficou na escola até o segundo primário. Lá, aprendeu a ler e a gostar de ler. Carolina mora na favela mas não é igual aos outros. Ela passa fome, dorme em cama de tábuas, carrega lata de água na cabeça, mas escreve também. Conta a vida da favela: a sua e a dos companheiros, de um jeito simples que toca fundo o

coração. Dos meninos pobres que moram no alto do morro Carolina escreve: — "Vi um menino mexendo no pé. Fui ver o que havia. Era um espinho. Retirei um alfinete do vestido e tirei o espinho do pé do menino. Ele foi mostrar o espinho para o seu pai. O menino olhou. Que olho! Fosse: arranjar mais um amiguinho..." Este trecho é do livro de Carolina. Livro que foi lançado sexta-feira última, e que se chama "Quarto de Despejo".

Retrato de Uma Vida

Quem descobriu Carolina foi um jornalista: o repórter Audálio Dantas. Um dia ele foi à favela fazer reportagem. Uma mulher gritava para uns "marmanjos" que implicavam com alguns garotos:

— Deixe estar que eu "boto" vocês no m eu livro.

Aquilo impressionou o repórter e ele perguntou:

— Que livro?

— É a preta com o seu jeito irano.

— O livro em que eu estou escrevendo as coisas da favela.

E era verdade mesmo. Carolina Maria de Jesus, mulher humilde e sem instrução, escrevia um livro. Um diário contava a vida de Carolina e os momentos de sonho dos seus dias e dos dias dos outros. O diário de Carolina, escrito em cadernos e chãos do lixo, era o retrato de sua vida. Retrato da fome e da miséria.

— O livro foi editado e ganhou nome — "Quarto de Despejo". O título foi sugerido pela imagem que Carolina cria para a favela — é o quarto de despejo da cidade, onde não jogam os homens e as coisas impréstitáveis que a cidade deixou de lado.

O livro de Carolina de Jesus está ganhando fama. Audálio Dantas diz no prefácio:

"A porta do quarto de despejo está aberta. Por ela sai um pouco da angústia da favela. É a primeira porta que se abre. Agora vamos esperar que os céus de fora olhem para dentro e vejam melhor o Quarto de Despejo".

Cabelo "Iducado"

Transcrevemos para as leitoras um trecho do diário de Carolina, que foi lançado em São Paulo.

"16 de junho — ... Eu escrevia peças e apresentava nos diretórios de circo. Eles respondiam-me:

— E pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais "iducado" do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça e ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnação, eu quero voltar sempre preta. Um dia um branco disse-me:

— Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas nem o branco nem o preto conhecem a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A inferioridade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome o negro também. A natureza não seleciona ninguém".

E assim Carolina vai escrevendo sua história triste sempre, pitoresca algumas vezes. Fazendo considerações sobre sociologia, política, fome, miséria. Tudo isso sem ter estudado, sem ser "dóctora". Com instrução que vai até o segundo ano primário, somente...



Carolina Maria de Jesus, jornalista da favela do Canindé, conta, em livro recém-lançado, histórias da favela e dos meninos que lá moram. São histórias de sonhos frustrados, de esperanças irrealizadas.

Quarto de Despejo

Audálio Dantas é quem conta, na apresentação de "Quarto de Despejo": "A primeira vez que eu vi o diário de Carolina, ele estava no seu guarda-cômoda escuro de madeira. Era a narrativa da vida de Carolina e da vida da comunidade-favela. Coisa bem contada, assim como aparece agora em letra de forma. Não guém melhor do que Carolina para escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria toda. Foi por isso que eu disse para Carolina de Jesus, lá mesmo, na hora em que li os trechos do seu diário: "Eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro".

E a promessa foi cumprida. O livro foi editado e ganhou nome — "Quarto de Despejo". O título foi sugerido pela imagem que Carolina cria para a favela — é o quarto de despejo da cidade, onde não jogam os homens e as coisas impréstitáveis que a cidade deixou de lado.

O livro de Carolina de Jesus está ganhando fama. Audálio Dantas diz no prefácio:

"A porta do quarto de despejo está aberta. Por ela sai um pouco da angústia da favela. É a primeira porta que se abre. Agora vamos esperar que os céus de fora olhem para dentro e vejam melhor o Quarto de Despejo".

Cabelo "Iducado"

Transcrevemos para as leitoras um trecho do diário de Carolina, que foi lançado em São Paulo.

"16 de junho — ... Eu escrevia peças e apresentava nos diretórios de circo. Eles respondiam-me:

— E pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais "iducado" do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça e ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnação, eu quero voltar sempre preta. Um dia um branco disse-me:

— Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas nem o branco nem o preto conhecem a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A inferioridade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome o negro também. A natureza não seleciona ninguém".

E assim Carolina vai escrevendo sua história triste sempre, pitoresca algumas vezes. Fazendo considerações sobre sociologia, política, fome, miséria. Tudo isso sem ter estudado, sem ser "dóctora". Com instrução que vai até o segundo ano primário, somente...

"O GLOBO Feminino" em "Mais Perto do Céu"



Tere grande repressando a reportagem publicada em "O GLOBO Feminino", no dia 27 do mês passado, com uma entrevista da Professora Odete de Oliveira Cunha e propósito das atividades extracurriculares que costuma organizar para seus alunos da Escola Monte Castelo, na Penha. Como a Professora Odete accionista, é na maior necessidade que todas as alunas de escolas públicas tenham um clube, ou se reúnam em grupos para fazer passeios e excursões, nos dias de folga e feriados, aos pontos pitorescos e de interesse histórico da nossa cidade. O programa "Mais Perto do Céu", de Rildo Rogério Pinto, dirigido pelo nosso companheiro Italo, redator de colunas de montanhismo do jornal, realizou, então, na segunda-feira passada, uma entrevista com a Professora Odete sobre as declarações dadas em "O GLOBO Feminino". Participaram do programa "Mais Perto do Céu" a Professora Alicia Palmeira, diretora do Departamento de Educação Primária, professoras, alunas e representantes do Clube das Pais das Escolas Conselheiro Marinho, Men de St. Afonso Pena e Monte Castelo, a poetisa Odete Toledo e, representando a seção feminina de O GLOBO, a nossa companheira Mônica Wright. *** Na foto, um aspecto dos contidos do programa "Mais Perto do Céu".